

APRESENTAÇÃO

Um passado para justificar o presente:
memória coletiva, representação
histórica e dominação política na região
cacaueira da Bahia

MAHONY, Mary Ann

Por Marcelo Henrique Dias

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor
adjunto da disciplina Metodologia da Pesquisa em História da Universi-
dade Estadual de Santa Cruz

E-mail: mhenriquedias@uol.com.br

A história age na tradição. Com esta assertiva, o historiador alemão Jörn Rüsen se referia ao conteúdo crítico que necessariamente deve caracterizar a narrativa histórica. Na tradição, o passado exerce uma função de orientação para os indivíduos antes da intervenção interpretativa da história. Esse caráter, digamos, pré-histórico da tradição reflete um estágio da consciência histórica que se nutre na memória coletiva, ou seja, num conjunto de narrativas sobre o passado que oferece elementos constitutivos de identidades. A história, ao penetrar nas fendas da tradição, na busca de sua essência, deve oferecer elementos capazes de promover uma reflexão crítica não somente sobre o passado, mas sobre a maneira dos membros de uma coletividade se enquadrar no presente. É esta a direção que a historiadora norte-americana Mary Ann Mahony tem dado aos seus trabalhos sobre a região cacauera da Bahia. Apesar de pesquisar e escrever sobre o tema desde a década de 1990, sua produção, à exceção de um único artigo¹, ainda não foi traduzida e publicada no Brasil². A iniciativa da revista *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria* vem, assim, cobrir em parte esta dificuldade de acesso para o público brasileiro interessado no assunto.

Apesar da defasagem de mais de sete anos em relação ao momento da sua produção, o conjunto de idéias expressas no artigo em foco expressa o estágio mais avançado da pesquisa histórica sobre o sul da Bahia a partir da expansão do cacau, iniciada em meados do século XIX. Ao privilegiar como objeto de estudo o processo de construção de uma memória coletiva, incluindo o campo das lutas políticas que deram o norte de tal processo, a autora passa a transitar do terreno da experiência histórica para o das representações e vice-versa, demonstrando a complementaridade e a interdependência entre ambos.

A construção e a divulgação das idéias que formarão o substrato da memória coletiva se fazem a partir de vários meios, a exemplo dos livros de história, da literatura, das artes plásticas, da toponímia urbana etc. A autora destaca para o estudo em questão

os textos escritos que apresentam uma narrativa histórica sobre a formação do território e da sociedade da região em apreço. Entram no conjunto das fontes textos literários, escritos técnicos, artigos jornalísticos, editoriais, discursos políticos etc., além da historiografia, propriamente dita. Cada texto, apresentado como sedimento da memória coletiva, é devidamente contextualizado no cenário mais amplo da economia e das lutas políticas que lhes dão sentido. Para tanto, a autora recorre também a documentos de arquivo, como testamentos, inventários, livros de notas, registros paroquiais etc. e, ainda, a fontes não escritas, como a oralidade, compondo um quadro consistente e coerente de informações que dão amparo e direcionamento a suas reflexões.

Mahony aponta os traços gerais da tradição que se fundamenta num certo mito de origem da região cacaueteira. Segundo o mesmo, a região teria sido colonizada, ou melhor, desbravada, por homens de origem humilde, na maioria migrantes nordestinos e imigrantes alemães, que teriam trabalhado duro para formar os cacauais responsáveis pela prosperidade local. Ao contrário da tradicional aristocracia agrária brasileira, herdeira do escravismo e do latifúndio, a elite ilheense teria se constituído pelo esforço daqueles antepassados, o que legitimaria o papel de certas famílias nas hierarquias locais, ao longo de todo século XX. A origem do mito, a autora identifica nos discursos e nos editoriais de Antonio Pessoa, no contexto das lutas políticas do início do século XX. Contra o poder consolidado da velha aristocracia agrária local, Pessoa passou a valorizar e a exaltar justamente aquilo que seus opositores denunciavam, ou seja, o fato dos “novos-ricos” de então ascenderem de gente mestiça, destituída de patrimônio e de educação formal.

Como a autora salienta, esta história não foi inventada, mas desbastada e lapidada de acordo com os interesses em jogo. Aqui se revela a perspectiva teórica que dá o tom da análise: a construção da memória, como invenção de uma tradição, envolve rememoração e esquecimento na mesma medida. A “história”, assim contada

através da pena dos novos-ricos, representados, sobretudo, na figura de Antonio Pessoa, não faz referência ao uso de escravos ou mesmo ao papel da velha aristocracia na expansão do cacau na região. A expansão do cacau, como condutor do progresso, não poderia comportar no seu processo os elementos retrógrados associados à velha aristocracia, como o latifúndio originado das vetustas sesmarias ou a mão-de-obra escrava. Assim, desbastada daqueles fatos que contradiriam a versão pretendida pelo grupo em ascensão, uma “história” mítica passou a ser divulgada e logo se propagou para muito além do espaço regional.

A dinâmica da circulação dos textos, no âmbito nacional e internacional, também foi importante na divulgação das idéias e na conseqüente legitimação de determinadas versões da história. A versão pessoista teria ganhado o mundo nas edições de autores como Bondar e Zehntner, por exemplo, e retornado à origem com o aval da legitimidade supostamente conferida por esta circulação internacional. Temos, então, um processo em que a seleção dos fatos que configurarão uma determinada versão da história se fez de forma consciente e voluntária e o consumo ou a adoção de tais histórias, pelo contrário, ocorreu de maneira inconsciente. Daí a eficácia da tradição enquanto esteio de referências sobre o passado, capaz de fornecer uma primeira orientação do agir no presente.

No percurso dos textos que Mahony analisa um momento de ruptura com a tradição surge na obra de Jorge Amado, a qual denuncia o caráter retrógrado e as práticas ardilosas e violentas da elite local. Como esta teria reagido à sua obra, levando em conta o sucesso de seus livros mundo afora? Segundo a autora, as reações foram marcadas pela ambivalência. Não obstante os esteriótipos negativos demarcados por Jorge Amado para a elite local, o escritor não negava o mito de origem: “seus romances são estudos dos novos-ricos, de suas raízes, seus métodos, seus costumes e, especialmente, de suas preensões.” Isso permite compreender não somente o acolhimento da sua obra pela elite local, malgrado algu-

mas críticas pontuais, mas o tipo de apropriação que hoje se faz de seus enredos como meio de promoção do turismo. A violência, os caxixes, a perversão sexual etc. aparecem como elementos de uma certa nostalgia dos “tempos dos coronéis”, uma pitada de fantasia que teria a função de apimentar as sensações dos visitantes ao se deparar com os cenários amadianos. O mito, já tão enraizado na memória coletiva, é agora reforçado, na condição de um vetor de renda para uma região que busca a superação da crise do cacau.

Porém, como bem aponta Mahony, recuperando Roger Bastide, mudanças no grupo social contribuem para mudanças na memória social. A crise do cacau abriu caminho ou impulsionou outras atividades econômicas, a exemplo do próprio turismo, da indústria e da diversificação agrícola. A elite econômica, política e, sobretudo, a intelectual, se renova no atual contexto. Parcelas da sociedade até então marginalizadas na tradição histórica regional – como negros e índios - hoje estão organizadas e lutando, entre outras coisas, pelo reconhecimento de seus papéis na história. Além disso, uma quantidade significativa de novos “forasteiros” chega à região atraída pela Universidade, pelas possibilidades de empreendimento, pelos empregos no setor hoteleiro e de serviços, pelas belezas naturais, pela qualidade de vida. O trabalho de Mahony, agora em parte acessível à própria sociedade que se constitui no seu objeto de estudo, passa, neste ínterim, da condição de uma análise histórica da realidade, para a condição de um importante elemento no processo de construção e desconstrução de uma tradição. É a história cumprindo seu papel.

NOTAS

1 MAHONY, Mary Ann. Instrumentos necessários: escravidão e posse de escravos no sul da Bahia no século XIX, 1822-1889. In: *Afro-Ásia*: 25-26, Bahia, 2001, p. 95-139.

2 Com destaque para sua tese de doutoramento: *The World Cacao Made: Society, Politics and History in Southern Bahia, Brazil, 1822-1919*. Ph D. diss., Yale University, 1996.

Recebido em: Março de 2007

Aprovado em: Junho de 2007